

# ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

## No Hall da Fama

Zé Roberto Guimarães é o único tricampeão olímpico do Brasil. Em 1992, orquestrou o time masculino ao ouro na edição de Barcelona. Em julho de 2003, assumiu a prancheta da equipe feminina e iniciou uma dinastia com dois títulos (Pequim-2008 e Londres-2012), uma prata (Tóquio-2020) e um bronze (Paris-2024). As cinco conquistas deixam Zé na cola de Bernardinho, recordista de pódios do país na modalidade, com seis. Em outubro, Zé entrou no Hall da Fama do Comitê Olímpico do Brasil (COB).

**VÔLEI** Técnico da Seleção feminina há 21 anos, José Roberto Guimarães não menospreza o bronze em Paris, vê equipe com potencial para encarar qualquer adversário e faz apelo para maior atenção e investimento nas categorias de base



# “A fórmula a gente tem”

VICTOR PARRINI  
Enviado especial

**R**io de Janeiro — “Tendo material humano, trabalho a gente faz”. José Roberto Guimarães busca sempre olhar o copo meio cheio. A sete meses de completar 22 anos à frente da Seleção Brasileira de vôlei feminino, o paulista de Quintana tem um olhar apurado para muito além dos resultados no segundo esporte mais popular do Brasil. Trabalha com a sensação de dever cumprido, sobretudo em relação aos Jogos Olímpicos de Paris-2024. Ano ruim sem medalha de ouro? Que nada! Para o dono da prancheta verde-amarela, foi uma temporada de aprendizado e que mostra a capacidade do país em brigar com qualquer adversário.

“Foi um 2024 bom. Lógico que gostaríamos que fosse melhor, com a medalha de ouro. Foi um 2024 de muita luta, dedicação, de muitos desafios em que vimos que temos time para brigar com qualquer um. Perdemos a semi para os EUA por 3 x 2, ganhamos da Turquia na disputa pela medalha de bronze. É um novo ciclo que se começa. Mas em 2024 só temos a agradecer, foi de bons resultados e de aprendizados”, avaliou.

No último dia 11, Zé Roberto esteve na cerimônia do Prêmio Brasil Olímpico do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e recebeu o Troféu Adhemar Ferreira da Silva pelos serviços prestados ao esporte e que contemplaram a carreira do bicampeão do salto triplo – ética, respeito ao próximo, espírito esportivo e outros. Discursou emocionado ao lembrar da família e reforçou o desejo de continuar servindo ao esporte.

O dono da prancheta da Seleção Brasileira feminina desde

julho de 2003 externou o que já estava certo: seguirá à frente da equipe no ciclo dos Jogos de Los Angeles-2028, assim como Bernardinho à frente do plantel masculino. Embora conheça cada canto das quadras e dos corredores da sede da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) no Rio de Janeiro, sempre tem de se adaptar às mudanças.

O ano ainda nem virou e Zé Roberto ouve sobre renovação. A plaquinha na Seleção Brasileira subiu após o bronze obtido em Paris para a central Thaissa, bicampeã nas edições de Pequim-2008 e Londres-2012. A meio de rede era um elo entre o treinador e as jogadoras em momentos de tensão. “Isso aconteceu algumas vezes. Por gravidez, como foi o caso da Paula (Pequeno) em 2005, com a Fabiana na pandemia. Estava tudo certo para Tóquio-2020, aí com o atraso ela estava esperando muito tempo para engravidar. A Thaissa na Olimpíada de Tóquio e, agora, para o próximo ciclo. Isso faz parte da nossa vida, temos sempre de nos reinventar”, ressaltou.

Para o alívio de Zé e do vôlei brasileiro, essa é uma via de mão dupla. Enquanto veteranas se despedem, novos talentos surgem. Há nomes que podem servir para a Seleção Brasileira em futuro não tão distante. A Superliga segue sendo a maior fonte de recursos humanos da equipe. Recentemente, o especialista das quadras acompanhou o duelo entre Barueri e Brasília. Ele viu de perto o potencial da ponteira do

*“Gostaríamos que fosse melhor, com a medalha de ouro. Foi um 2024 de muita luta, dedicação, de muitos desafios em que vimos que temos time para brigar com qualquer um”*



representante do Distrito Federal, Ana Medina. A camisa 8 é a quinta maior pontuadora da liga, com 184 bolas no chão, e a terceira mais letal em saques (13).

“O que é bom é que estão aparecendo algumas jogadoras talentosas, importantes para a continuidade do voleibol brasileiro. Tendo material humano, trabalho a gente faz, de correr atrás, de se dedicar, tempo, melhorar mecânica e técnica para que essas jogadoras evoluem. Experiência não se adquire da noite para o dia. Acredito que temos uma boa base, e que essa base conseguirá dar bom respaldo para as jogadoras jovens”, analisa.

Outra boa opção para Zé nos compromissos da Seleção em 2025 pode ser a central Julia Kudieff. A brasileira de 21 anos estava cotada para disputar os Jogos Olímpicos de Paris-2024, mas uma grave lesão no joelho direito frustrou o sonho dela. Em fase final de recuperação, ela pegará o retorno da Superliga Feminina pelo Minas e pode pintar nas próximas convocatórias.

O tempo de casa de Zé Roberto o permite fazer um apelo para que a linha de produções de jogadoras não pare. O experiente comandante pede apoio. O discurso dele vai ao encontro do presidente eleito do COB, Marco Antônio La Porta. Uma das promessas de campanha do dirigente ligado ao triatlo é maior atenção à formação. “Sabemos que uma das coisas mais importantes do esporte de alto

rendimento é o investimento na base, é valorizar e fazer com que os meninos e as meninas aprendam da melhor maneira, com uma boa escola, que façam boa mecânica”, defende.

“O investimento grande tem que ser em bons profissionais, com um respaldo de boa aparelhagem e estrutura para treinamento. Isso é fundamental para fazer esse povo crescer e representar o nosso país em todas as modalidades”, destaca. Zé entende que a aplicação de recursos é meio caminho andado, pois o know-how e a receita para o sucesso o país tem. “A fórmula, a gente tem. O que precisamos é de apoio. Lógico que, geograficamente falando, estamos longe do centro do mundo. Vemos Europa tendo mais possibilidades de fazer intercâmbio. Aqui são 12/13h de viagem. Sempre sofremos um pouco mais. Para isso, precisamos ter ajuda e de pessoas e empresas que acreditem”, manifesta.

A Seleção Brasileira tem dois nobres compromissos no próximo ano. O primeiro é a Liga das Nações, de 4 de junho a 3 de agosto. O Brasil jamais conquistou o título da competição anual implementada em 2018. No ano passado, chegou invicto até a semifinal, mas caiu para o Japão. Na disputa pelo bronze, foi batido pela Polônia. A última aparição em uma decisão foi em 2022, no 3 x 0 contra a Itália.

Também há chance de título inédito no Mundial. Em 2025, o torneio será disputado na Tailândia, de 22 de agosto a 7 de setembro. A equipe verde-amarela figurou em três das últimas cinco finais. No entanto, parou duas vezes contra Sérvia e Rússia.

\*O repórter viajou a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)